

PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DIANTE DOS DESAFIOS ESCOLARES

André Crisóstomo Menezes¹

Douglas Fernandes Oliveira Vieira¹

Poliana Alves Seccon¹

Thiago Pereira Machado²

RESUMO

De acordo, com a Organização Mundial de Saúde (OMS), saúde mental não está apenas relacionada com a ausência de doenças mentais, mas também com a integralidade, e o bem-estar individual. Justifica-se a realização dessa pesquisa, a partir do entendimento da importância do profissional da educação e a sua integridade mental e como isso influencia diretamente no desenvolvimento do âmbito escolar. O presente trabalho teve como objetivo analisar o perfil dos profissionais que atuam na área da educação, levando em consideração em como o ambiente de trabalho no qual estão inseridas as demandas do dia a dia, bem como a desvalorização e a ausência de conseguir impor sua singularidade em sala de aula, podem afetar a saúde mental dos entrevistados. O trabalho se deu por meio de uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva, ela foi respondida por 13 professores de instituições e cidades distintas, as respostas foram obtidas através de um questionário feito no Google Forms, expondo dessa forma as informações obtidas como uma visão adicional aos fatores que contornam a prática educacional.

Palavras-chave: educação; docência; saúde mental; trabalho; escola.

1 INTRODUÇÃO

A psicologia recém completou seis décadas como profissão regulamentada no Brasil e, mesmo sendo nova, ela vem se mostrando ano após ano como uma área de grande crescimento e relevância em nosso contexto social. Uma das razões para esse aumento de interesse na área se dá pelo adoecimento em massa da saúde mental de

¹ Acadêmicos do curso de Psicologia da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim-ES.

² Psicólogo, Doutorando e Mestre em Psicologia Institucional - PPGPSI/UFES. Docente Multivix Cachoeiro de Itapemirim-ES, thiagopmachadopsi@gmail.com

nossa população. Em uma pesquisa realizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2019, revela que 86% dos brasileiros sofrem ou já sofreram algum tipo de transtorno mental, seja esse estresse, ansiedade, depressão ou outros.

A psicologia como ciência é uma área bastante ampla de estudo com seus conhecimentos e técnicas, podendo ser usados em diversos ambientes, sendo um desses o ambiente escolar. Assim, de acordo com o Conselho Federal de Psicologia (2022), a psicologia como ciência e profissão é nova no Brasil, e no ambiente escolar se torna ainda mais recente, transformando-se apenas em 2019 com a Lei Nº 13.935, de 11 de Dezembro de 2019, apresentando-se da seguinte forma: Art.1º “As redes públicas de educação básica contarão com serviços de psicologia e de serviço social para atender às necessidades e prioridades definidas pelas políticas de educação, por meio de equipes multiprofissionais.” (BRASIL, 2019).

Sendo assim, a inserção do Psicólogo nas redes públicas de ensino entrou em vigor apenas em dezembro de 2021, quando a lei foi legalmente inserida. Por ser algo novo em território nacional, percebemos que muitos estudos acerca da psicologia escolar estão enviesados com pensadores europeus e estadunidenses, principalmente Burrhus Frederic Skinner e Carl Rogers. Essas perspectivas trazidas por esses e outros autores são de suma importância, mas em muitos casos seus conceitos devem ser adaptados à realidade da nossa cultura. Como por exemplo o pensamento Rogeriano, em que se tem o aluno no centro da aprendizagem (PINHEIRO & BATISTA, 2018). Vemos um grande enfoque em como o professor deve se portar para a promoção do melhor desenvolvimento da aprendizagem do aluno, mas minimamente se olha como se dá a capacitação desse profissional ou como será fornecido um ambiente adequado para que isso aconteça em nosso contexto atual.

Adriana Machado (2013) relata a dificuldade que os estudantes de psicologia apresentam ao chegar na escola para aplicar algum tipo de intervenção, a autora elenca que essa dificuldade está muito atrelada ao conhecimento do que está acontecendo de errado, mas não saber o que fazer a partir disso. Esse pensamento de sabermos o que está errado, mas não sabermos o que fazer, nos leva a pensar que talvez não possamos compreender o que realmente está incompatível no âmbito educacional. O que percebemos ao pesquisar sobre o tema é que muitos apontam para a importância em se olhar o aluno como singular e que apenas assim é possível ter uma educação real e de qualidade, o que não seria mentira, mas isso é a resposta de um mundo perfeito sendo visto como inaplicável na nossa condição atual. Claro que olhar para o lado do estudante e passar a enxergá-lo como um ser e não apenas como um número estatístico

é indispensável, mas importante quanto, também é conseguir enxergar o professor da mesma forma, fatos esses que não encontramos ao observar as escolas visitadas.

Vale ressaltar que o presente artigo não tentará, em momento algum, trazer uma resposta em definitivo acerca da problemática ocorrida no âmbito escolar, e sim trazer uma visão acerca de como uma classe que sofre tanto com desvalorização social e financeira, além de adoecimento no trabalho, como é mencionado por Mary Yale Rodrigues Neves e Edith Seligmann Silva (2006) se enxerga perante a problemática ocorrida em seu local de trabalho, ou seja, a escola, também trazendo a importância do acolhimento e escuta exercido pelo profissional psicólogo, buscando assim a melhoria de vida tanto para o professor como para quem terá a vida impactada por ele e seu trabalho.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Tratando-se de uma pesquisa no contexto escolar, e considerando a pesquisa como qualitativa do tipo descritiva, o processo consistiu em duas etapas: a) etapa 1: Seleção das escolas, nas quais, foram realizadas a pesquisa; b) etapa 2: Aplicação do questionário para os professores.

Na etapa 1, foram selecionadas três instituições de ensino, todas localizadas no estado do Espírito Santo: E.E.E.F.M “Presidente Kennedy”; E.E.E.F.M Presidente Luebke; E.E.E.F.M. Fraternidade e Luz, localizadas em diferentes localidades. Essas escolas foram escolhidas para participar de uma pesquisa cujo objetivo era investigar as percepções dos professores acerca das condições profissionais no cotidiano escolar.

Sendo assim, a pesquisa envolveu a coleta de dados por meio de questionários, entrevistas ou observações, a fim de obter informações sobre o ambiente de trabalho dos professores, as condições de infraestrutura, os recursos disponíveis, as relações interpessoais, entre outros aspectos relevantes para a compreensão das condições profissionais dos docentes. Os resultados dessa pesquisa podem fornecer panoramas importantes sobre as percepções dos professores e suas experiências no exercício da profissão, bem como auxiliar na identificação de possíveis desafios e melhorias necessárias nas escolas pesquisadas.

Na etapa 2, foi elaborado um questionário contendo 14 perguntas, abordando temas como: carga de trabalho, saúde mental, mal-estar psíquico, autonomia no ambiente escolar, desafios, valorização e desvalorização na relação entre professor e aluno como também professor e instituição, entre outros. O questionário foi aplicado

utilizando a plataforma do Google Forms, garantindo a participação de 13 professores que concordaram em colaborar com a pesquisa. Lista das perguntas aplicadas:

- Você concorda que existe um mal-estar psíquico afligindo os professores como classe trabalhadora? Se sim, qual seria a fonte embrionária desse mal em sua visão?

- Como é a sua carga de trabalho hoje?

- Tendo como ponto de referência a pergunta anterior, você a considera uma carga de trabalho excessiva?

- Atualmente, na sua opinião, você acha que a sua carga horária de trabalho impacta na sua saúde mental? Se sim, de que forma?

- Na sua opinião, o que mais te incomoda no exercício da sua profissão no âmbito educacional?

- Você se sente com autonomia para apresentar e pôr em práticas suas ideias no seu ambiente de trabalho?

- Fale sobre o quanto a responsabilidade atribuída a sua profissão pelos pais e pela instituição influencia em sua saúde mental?

- Discorra sobre como acontece a valorização ou desvalorização na relação professor e aluno de acordo com a sua própria experiência.

- Discorra também sobre a valorização ou desvalorização na relação entre professor e instituição em sua própria experiência.

- Como e quanto a relação de “Poder” entre: instituição e professor impacta na sua didática em sala de aula?

- Em sua visão, existe um equilíbrio entre o que seria para você o “método de ensino ideal” e o método de ensino imposto pela instituição?

- Você enxerga que de alguma forma o seu trabalho se tornou mecanicista?

- Gênero

- Idade.

A análise dos dados obtidos

As questões foram elaboradas a fim de coletar informações sobre o perfil dos professores, como idade, gênero, além de dados sobre a percepção dos docentes em relação aos temas abordados no estudo, tais como saúde mental, mal-estar no trabalho, fracasso e sucesso escolar. O questionário foi aplicado em ambiente virtual, por meio de plataformas de pesquisa online, a fim de garantir a participação dos professores que se disponibilizaram a colaborar com o estudo. Por meio do questionário foi possível a compreensão de aspectos relevantes para o estudo em questão, além de contribuir para

a identificação de possíveis limitações e desafios enfrentados pelos profissionais da área educacional. Após a confecção das perguntas, foram utilizadas as plataformas como o Google Acadêmico e SciELO para a busca artigos científicos relevantes. Para a realização desse levantamento, foram empregadas palavras-chave como "Saúde Mental", "Professor", "Educação", "Mal-estar no trabalho", "Psicologia do Trabalho", "Professores", "Fracasso Escolar" e "Sucesso Escolar", em diferentes combinações possíveis para apresentar informações atualizadas, foram selecionados artigos científicos publicados nos últimos anos, incluindo livros. Além disso, contamos com o apoio de determinados professores com conhecimentos no assunto abordado como auxílio para a pesquisa.

3 DESENVOLVIMENTO

Desafios docentes

Três pontos foram importantes para se analisar os dados obtidos em nossa pesquisa. O primeiro dele sendo a sobrecarga do trabalho tanto das demandas de rotina como da carga horária competida aos professores (TRINDADE; MORCERF; OLIVEIRA, 2018).

O desgaste no trabalho pode ocasionar o sentimento de se sentir incapaz e perceber seu trabalho como falho, além da sensação de abandono:

Assim, o padrão de desgaste de um determinado grupo de trabalhadores pode ser identificado na relação entre processo de valorização, processo de trabalho, cargas de trabalho e processo de desgaste. Desenvolve-se, com isso, o sentimento de falha, de incapacidade, isolamento e algumas vezes até de abandono. Essa precariedade subjetiva, vivenciada pelo docente universitário, é caracterizada como um processo historicamente definido na sociedade podendo levar ao desgaste mental e em seguida afetar o bem-estar e a saúde dos professores, comprometendo a qualidade do seu trabalho e desencadeando ansiedade e depressão (TRINDADE; MORCERF; OLIVEIRA, 2018, p.50).

Quando nos propormos a refletir sobre a prática docente, podemos observar os obstáculos que cercam o cotidiano desses profissionais. Diante desse cenário, a autora Maria Janete Nogueira Silva (2016) pontua que, considerar o professor significa considerar também todas as dificuldades e desafios enfrentados pelos mesmos no exercício da sua profissão. É importante elencar, que o professor se torna o intermediário nesse contexto, pois acaba se tornando o profissional que lida diretamente

com os alunos e que também lida diretamente com a instituição, além de tratar também com as expectativas dos pais e responsáveis dos alunos.

Diante desse cenário, também é averbado por Amanda Pereira Garcia e Mariléia Mendes Goulart (2022), que as pressões que os professores enfrentam é frequente, onde muitos se sentem insatisfeitos com o trabalho:

Esta profissão tem sido abalada por vários fatores como: baixos salários, deficiências de formação, desvalorização, problemas com a saúde, sobrecarga de trabalho e de responsabilidades, ambientes de trabalho inadequados, falta de apoio, entre outros (GARCIA; GOULART, 2022, p.10).

Entre alguns dos muitos focos de investigação, podemos pensar na ampla questão das causas ou facilitadores para a emergência do sofrimento no trabalho (por exemplo, as condições e a organização do trabalho), nas formas de intervenção e de suporte ao trabalhador e nas novas patologias associadas às mudanças no mundo do trabalho, das organizações e da gestão (BENDASSOLLI, 2016). O autor Pedro Bendassolli (2016) não faz a representação das ideias de sofrimento diretamente e exclusivamente aos professores, mas são ponderações que se assemelham com o que é posto por Garcia e Goulart (2022) ao defender que a exposição a um ambiente estressante por um período prolongado ocasiona uma série de consequências para a saúde mental observada em diversos estudos na área de saúde pela incidência de transtornos mentais e episódios que indicam que a saúde mental desses profissionais não vai bem, gerando faltas, afastamentos e a desistência de inúmeros docentes e como consequência acabam afetando o desempenho acadêmico, refletindo como um todo no processo de aprendizagem.

Quando o trabalho perde a sua beleza

Perceber que essa classe trabalhadora se encontra com exaustão física e mental nos levará a uma fala de Yves Clot et. al. (2006) acerca de como um trabalho repetitivo acaba se tornando sem valor, e o quanto esse trabalho sem valor acaba perdendo sua beleza.

Eu penso que o nosso trabalho tem uma ancoragem muito, muito forte sobre a qualidade do trabalho, que é também da beleza do gesto bem-feito, da coisa bem pensada, da coisa alcançada. Essa é a melhor garantia da saúde. E isso não é negociável. Há um Script linguístico e comportamental dentro do qual eu me encontro numa posição de falar sem pensar, mas ainda assim há o pensamento a ser dito, há o sentimento a ser expresso. Há muita atividade impedida (CLOT et. al., 2006, p. 105).

Clot não está falando aqui especificamente sobre os professores, mas é uma fala que também pode ser aplicada a eles, já que essa sobrecarga e desgaste interfere em como o professor enxerga a sua profissão. O perigo em estar inserido em um trabalho que já perdeu sua beleza, pode-se encontrar o risco de entrar em estado de alienação, fazendo apenas por fazer, sendo esse fazer sem sentido ao sujeito. Rollo May (1974) aponta em como uma sociedade alienada acaba perdendo forças para exercerem o seu eu em suas atividades, sendo oprimido por um sistema que imputa a ideia de que não vale lutar por melhoria pois seria em vão.

Mediante ao exposto, Monica Araujo Damasceno e Fauston Negreiros (2018) salientam que o professor deve estar atento as suas motivações e as diversas problemáticas que podem estar atreladas ao seu desempenho e também consequentemente ao desenvolvimento de seus alunos. “Percebe-se que a concepção dos professores sobre o seu papel e contribuição frente ao fracasso escolar por vezes, se volta para sua função de mediador da aprendizagem” (DAMASCENO E NEGREIROS, 2018, p. 13).

Por fim, Damasceno e Negreiros (2018) destacam a importância no que se refere a propor uma reflexão acerca dos conhecimentos elaborados pelos professores e ao contexto educacional brasileiro como um todo, mostrando assim pistas da realidade enfrentada pelos profissionais, em âmbito nacional.

A importância da interdisciplinaridade

De acordo com Ana Cristina Garcia Dias, Naiana Dapieve Patias e Josiane **Lieberknecht Wathier** Abaid (2014), o psicólogo escolar ou educacional tem um papel de importância tanto dentro como fora da escola, tanto em pensamentos de práticas como também no pensar de quem desempenha, já que o processo educacional não se dá apenas na escola, mas também no contexto sociocultural de todos os envolvidos.

Quando é pensado sobre o papel do psicólogo nas escolas temos como base a resolução de N°013/2007 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) acerca desses profissionais:

Nessa tarefa, considera as características do corpo docente, do currículo, das normas da instituição, do material didático, do corpo discente e demais elementos do sistema. Em conjunto com a equipe, colabora com o corpo docente e técnico na elaboração, implantação, avaliação e reformulação de currículos, de projetos pedagógicos, de políticas educacionais e no desenvolvimento de novos procedimentos educacionais (CFP, 2007, p.18).

O CFP deixa de forma compreensível a importância de o psicólogo agir em conjunto aos outros profissionais existentes na escola. Todavia o trabalho do psicólogo não se resume a apenas um trabalho multidisciplinar, onde cada saber agiria de forma independente, como o CFP coloca, cabe ao psicólogo agir de forma interdisciplinar, “realiza seu trabalho em equipe interdisciplinar, integrando seus conhecimentos àqueles dos demais profissionais da educação” (p.18).

Hector Leis (2005) nos traz que não se existe um conceito único e definitivo para se concluir o que seria exatamente a interdisciplinaridade, entretanto como o próprio afirma: “Se algo entra por definição na prática interdisciplinar é a condição de que se deve buscar a complementação entre os diversos conhecimentos disciplinares” (p.8).

Suyane Tavares *et al* (2012) também ressaltam o quanto é importante esse agir interdisciplinar, pois apenas com ele seria possível uma verdadeira colaboração entre saberes distintos, conseguindo assim atingir resultados mais satisfatórios:

É indispensável que o psicólogo saiba as atividades desenvolvidas pelos demais profissionais, bem como os limites de cada um, possibilitando uma atuação integrada, com manejo único. Como também, é importante que o psicólogo interaja com a equipe de profissionais discutindo os casos ou situações emergentes visando melhor compreensão da situação dos usuários (TAVARES *et. al.*, 2012, p. 6).

Ou seja, mesmo que não se conclua com exatidão o que é interdisciplinaridade, podemos concluir que ela só é possível em um agir em conjunto entre vários profissionais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando se é falado sobre o território escolar, temos formulado a existência de uma problemática no método de ensino, mas qual seria ela? É visto por muitos pesquisadores que se propõem ao estudo da psicologia escolar que parte do problema estaria no não conseguir entender e tratar o aluno como indivíduo singular, ideia que se assemelha ao pensamento de Damasceno e Negreiros (2018), entretanto, ir apenas por esse caminho seria o mais fácil, e funcionaria quase como um direcionamento único de responsabilidade.

Roman Jakobson (2008) propõe com a teoria da comunicação que qualquer comunicação verbal teria seis tópicos para ser compreendida. Não iremos nos aprofundar sobre a teoria de Jakobson, mas pegaremos um ponto chave que nos ajudará a compreender essa problemática por uma outra perspectiva. No contexto a ser trabalhado aqui podemos reduzir os seis tópicos de Jakobson (2008) a três: o

mensageiro, a mensagem e o receptor. O que não podemos ignorar é que esses três tópicos têm o mesmo grau de importância para o nível de qualidade da comunicação verbal, portanto seria um erro tentar resolver alguma incerteza escolar se focando a visão dada por apenas um deles. Partindo desse ponto, iniciamos com o objetivo de entender se os professores também enxergavam a existência de um mal-estar afetando o contexto educacional, e dos 13, apenas 6 enxergavam essa existência.

Olhando de forma individual cada umas dessas seis respostas em que acreditavam existir algum mal-estar, se torna complexo encontrar um padrão ou um fator comum que una essas respostas, sendo provavelmente a única palavra que se repete na maioria delas: a sobrecarga. O fator sobrecarga é visto com mais frequência quando é analisado que apenas um professor dentre os entrevistados não enxergava sua carga horária como excessiva. Ou seja, menos da metade enxergava a existência de um mal, mas apenas um não se sentia sobrecarregado, o que pode mostrar um pouco de incongruência ou até mesmo falta de percepção sobre sua própria realidade por não perceber que a sobrecarga gerada pelo trabalho também é uma espécie de mal. “O perigo de não perceber que uma carga horária excessiva é prejudicial a seu bem-estar mental é maior quando se entende que o professor é junto com os médicos a classe trabalhadora que maior apresenta casos de síndrome de Burnout” (TRINDADE; MORCERF; OLIVEIRA, 2018, p.43).

Todavia, o fator sobrecarga não está ligado apenas a de carga horária, mas também as demandas suscetíveis ao professor durante esses encargos. Foi bastante perceptível entender que as demandas encaminhadas aos professores em um excesso de carga horária semanal interferem em sua saúde mental. Como relata um professor a ser perguntado sobre o assunto:

- *“Lógico! São muitos alunos, muito trabalho, muita responsabilidade, muita cobrança desnecessária...não tem quem faça um trabalho excelente com tanta cobrança e tanta obrigação”* (Professor 1, 22-03-2023)

Uma carga horária excessiva, com uma remuneração que em muitos casos é considerada como insuficiente, leva professores a buscarem mais de uma escola para exercer sua profissão, o que gera até um período de trabalho de “três turnos”, já que muitos acatam como insuficiente ao tempo que permanecem na escola para resolver as demandas que lhe foram dadas naquele contexto, fazendo com que eles tenham que levar trabalho para casa, como podemos observar nessa outra resposta:

- *“Sim. Porque não conseguimos dar conta de todos os afazeres na escola e acabamos levando trabalho para casa, gastando todo o nosso tempo livre que*

poderíamos estar utilizando para o lazer e outras coisas com as tarefas relativas ao trabalho. E isso nos desgasta fisicamente e emocionalmente” (Professor 2, 22-03-2023)

Essas demandas que ocasionam a sobrecarga no professor, vem de vários lugares, como da própria instituição de ensino, dos alunos, da família de alunos, da sociedade como um todo e em muitos casos do próprio professor sobre si mesmo, e com o conhecimento obtido nessa pesquisa é impossível desassociar o impacto acarretado por essa sobrecarga no modo em como o professor irá exercer seu papel em sala de aula, e em como o próprio irá enxergar seu trabalho e a si mesmo.

O Trabalho belo e alienação

Yves Clot é um pensador que dedica boa parte de suas obras para falar sobre a psicologia no trabalho. Aqui não iremos adentrar severamente sobre os pensamentos de Clot, mas usaremos um conceito imposto em sua fala dada em uma entrevista. Em certo momento durante a entrevista Clot fala sobre a beleza do trabalho e como o desgaste gerado pela sobrecarga pode fazer essa beleza ser dissipada, tornando assim um trabalho mecânico e sem imposição singular do sujeito (CLOT et. al., 2006).

Apenas um dos trezes entrevistados não pondera a responsabilidade atribuída a ele pela instituição, alunos ou familiares de alunos como acarretador de desgaste mental. Como aponta Bendassolli (2016), o trabalho pode ser um ocasionador de mal-estar para o profissional, dependendo da forma em como a subjetividade do sujeito se comporta perante ele, podendo ser alienante e até mesmo destrutivo para o ser. O estado de alienação que pode ser gerado pelo trabalho é preocupante, pois ele se converte em um impedidor para a criatividade.

Analisando a teoria de Karl Marx sobre a arte, Wolf Janet (1982), *apud* Salvatore Collura (2019), ressalta as palavras dele quando afirma que “o trabalho humano é essencialmente criativo” (p. 4). Em sua teoria, Marx diz que um trabalho realizado conscientemente, que faz uso das potencialidades do indivíduo, utilizando a imaginação e abstração, é um trabalho criativo, que nasce das necessidades e intenções humanas, sendo assim construtivo e transformativo; mas para isso o trabalho deveria ser não-alienado.

O fator criatividade é de suma importância para o profissional professor, mas quando questionado se o método que o professor considera ideal é o mesmo imposto pela instituição de ensino, oito, dos trezes entrevistados disseram que não.

Um professor traz essa dificuldade em alinhar os métodos de forma mais clara quando o foi perguntado se a relação de “poder” entre instituição e professor impacta em sua didática, Ele responde:

- *“Quando a equipe gestora da escola não abre espaço para ouvir o corpo docente em suas queixas e sugestões visando a melhoria do ensino, uma vez que o professor pode contribuir muito para que ela ocorra, pois, lida diretamente com o aluno”* (Professor 2, 22-03-2023)

Outro resume em:

- *“Manda quem pode, obedece quem quer ter paz no trabalho. Não há muito o que questionar. Nosso trabalho é executar”* (Professor 1, 22-03-2023)

Partindo desse pressuposto, questionamos se o trabalho do professor poderia estar se tornando de certa forma mecanicista, ou seja, ser apenas um reprodutor do método, e não um criador do próprio. Ao se perguntar aos professores se eles consideram que seu trabalho se tornou mecanicista de algum modo, obtivemos respostas que são desanimadoras em uma perspectiva social, como relata abaixo:

- *“Costumo dizer que estou em uma fase em que parei de questionar as ordens, apenas cumpro. Aliás, escola deixou de ser lugar para se questionar. Cumpra-se!”* (Professor 1, 22-03-2023)

Como já visto, o professor é um dos profissionais mais afetados pelo sofrimento psíquico, e esse sofrimento está ligado a falta de apoio e acolhimento a esses profissionais, além de demandas de responsabilidades atribuídas exacerbadamente a esses por suas instituições (TRINDADE; MORCERF; OLIVEIRA, 2018).

No meio a isso, como esperar que o professor enxergue que seu trabalho é um trabalho belo? Ou seja, um trabalho em que ele se sente amparado para se impor como sujeito, tendo uma valorização por parte do meio adequada. Analisando o que nos foi trazido a resposta é que praticamente isso não é possível, ainda mais quando as demandas também são trazidas por pessoas de fora do ambiente escolar.

Psicologia na escola, não apenas o que fazer, mas também como fazer

- *“O problema é que o sistema acha que tudo do papel é aplicável na realidade, e não é.”* (Professor 3, 22-03-2023)

Essa resposta obtida em nosso questionário, nos leva novamente ao pensamento da professora Adriana Machado (2013), referente ao saber o que está errado, mas não saber o que fazer a partir disso, já que muitas das vezes o “fazer a partir disso” é simplesmente disseminar o seu conhecimento acerca do problema encontrado com os

outros profissionais que estão incluídos naquele meio. Isso pode parecer simples, mas esse processo de interdisciplinaridade é mais complicado de ser pôr em prática do que o imaginado, isso pode ser percebido quando a maioria dos professores relatam não ter contato com o psicólogo escolar, e sem o contato entre psicólogo e professor como seria possível ocorrer essa troca de saberes?

Dias, Patias e Abaid (2014) resume bem o papel que deve ser exercido pelo psicólogo em âmbito escolar:

O psicólogo busca defender os direitos do indivíduo no atendimento de suas necessidades educacionais e promover seu desenvolvimento, sem discriminação ou intolerância de qualquer Tipo ou grau, tendo o cuidado de não reproduzir formas de Dominação. Neste sentido, é preciso que o psicólogo tanto se encontre inserido no contexto no qual esses processos ocorrem como conheça aspectos históricos, econômicos, políticos e culturais da população e da comunidade que atende (DIAS, PATIAS e ABAID, 2014, p.108).

Essa inserção mencionada ainda é um dos maiores desafios encontrados no papel do psicólogo escolar/educacional (DIAS, PATIAS e ABAID, 2014).

A questão é que se o psicólogo não se insere no meio educacional, nossos conhecimentos referentes a esse âmbito ficam vagos e confusos. Por exemplo, é muito interessante uma abordagem centrada no aluno como é proposta por Rogers (PINHEIRO; BATISTA, 2018), porém o teórico não está no contexto educacional brasileiro, sua teoria não se remete ao nosso contexto atual, e uma grade curricular de professores não os preparara para que eles consigam pegar uma teoria como a de Rogers e aplicar em sala, da mesma forma que a grade curricular do estudante de psicologia não o prepara para pegar essa mesma teoria mencionada e conseguir aplicar em uma sala de aula, ou seja, é apenas com a troca de saberes que se torna possível que uma teoria multidisciplinar funcione em um contexto, seja ela a mencionada acima ou qualquer outra. Claisy Araújo e Sandra de Almeida (2014) nos diz que a psicologia escolar tem função potencializadora aos sujeitos em que ela interfere “ainda que se concorde com tais avanços do psicólogo escolar, constituindo-se, privilegiadamente, a partir da imersão na escola, como espaço institucional de efetiva atualização das potencialidades dos sujeitos participantes” (p.20).

E é apenas dessa forma, potencializando seres, e unificando saberes ao invés de segregá-los, que a psicologia terá papel de importância na escola, já que muitas vezes é tido que uma teoria que não pode ser implantada na prática. Mas como é dito

por Gilles Deleuze (1989) o processo de teoria e prática são homogêneos, pois um só existe devido ao outro, e uma teoria que não se valida no exercício dela, deve ser substituída por uma nova ação geradora de uma teoria aplicável, e esse processo de construção de uma teoria-prática que visa uma união de saberes entre disciplinas pode ser perceptível na resposta a seguir, acerca do impacto poder entre professor e instituição de ensino:

“Através dos planejamentos cobrados pela instituição e o acompanhamento das aulas é possível uma didática melhor e conseqüentemente aulas melhores” (Professor 4, 22-03-2023)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reforçamos novamente que nosso objetivo não é fornecer uma resposta definitiva às perguntas que levantamos, uma vez que, em certo sentido, não existe uma resposta única. Nosso intuito é trazer uma visão adicional sobre os obstáculos encontrados na prática educacional.

Acreditamos firmemente que o professor desempenha um papel crucial na engrenagem do ensino. Sendo de extrema importância dedicarmos uma escuta mais profunda em relação à saúde mental desses profissionais, que infelizmente são frequentemente desvalorizados dentro do nosso contexto social. Essa abordagem atenta é urgentemente necessária para garantir o bem-estar deles e promover um ensino de qualidade. O impacto desse desgaste sobre o bem-estar e a saúde dos professores, assim como sua influência na qualidade do trabalho desenvolvido por eles, é uma preocupação crescente.

A precariedade subjetiva vivenciada pelos docentes, que pode levar ao sentimento de falha, incapacidade, isolamento e até abandono, é um processo complexo multifacetado. A pressão por resultados e a falta de reconhecimento e desvalorização podem contribuir para a manifestação desses sentimentos negativos. As altas cargas de trabalho, muitas vezes combinadas com recursos limitados, também desempenham um papel significativo no desgaste experimentado pelos professores.

Esse artigo consegue demonstrar que o desgaste mental dos professores pode ter consequências adversas tanto para os próprios docentes como para a qualidade do ensino e aprendizagem. Compreender esses processos e os demais fatores é essencial para o desenvolvimento de estratégias e intervenções que visem minimizar os impactos negativos. Pesquisas adicionais são necessárias para explorar mais profundamente as dinâmicas envolvidas nessa degradação e identificar abordagens eficazes de

prevenção.

Além disso, é importante considerar o papel das políticas institucionais e do ambiente de trabalho. Em suma, para promover uma educação de qualidade, é fundamental olhar para o contentamento tanto dos alunos quanto dos professores, buscando equilíbrio, como também condições adequadas de trabalho aos docentes. A partir dessa perspectiva, é possível avançar na busca por soluções para os desafios enfrentados no contexto educacional.

Portanto, para garantir ambientes de trabalho saudáveis e sustentáveis, é crucial enaltecer e apoiar a classe dos professores, reconhecendo sua importância como agentes fundamentais no processo educacional. Sendo assim será possível possibilitar um ensino de qualidade e contribuir para o enlevo emocional e psicológico dos professores, resultando em benefícios para toda a comunidade instrutiva.

6 REFERÊNCIAS

ARAUJO, Claisy; ALMEIDA, Sandra de. **Psicologia Escolar: construção e consolidação de identidade profissional**. Parte 1. 4ªed. São Paulo. Alínea Editora. 2014.

BENDASSOLLI, Pedro Fernando. Mal-estar no trabalho: do sofrimento ao poder de agir. **Revista Subjetividades**, 2016. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view>. Acesso em: 8 jun. 2023.

BRASIL, Organização Mundial da Saúde (OMS). 2019. **Transtornos mentais no Brasil: Dados epidemiológicos**. Recuperado de: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/comunicacao/noticias/acoes-realizadas-pela-rede-ebserh-mec-buscam-conscientizar-sobre-a-importancia-da-saude-mental>. Acesso em: 11 jun. 2023.

BRASIL. LEI nº13.935, de 11 de dezembro de 2019. **Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviços social nas redes públicas de educação básica**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 de dez. 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2019/lei/l13935.htm. Acesso em: 11 jun. 2023.

CLOT, Yves; SOARES, Dulce Helena Penna; COUTINHO, Maria Chalfin; NARDI, Henrique Caetano; SATO, Leny. Entrevista: Yves Clot. **Cadernos de psicologia social do trabalho**, 2006, vol.9, n.2, pp. 99-107. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25969>. Acesso em 23 de maio de 2023.

COLLURA, Salvatore. **As várias formas de criatividade por Rollo May e suas definições**. Universidade Federal do espírito Santo: Vitória-ES, 2019. Disponível em: https://turicollura.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Criatividade_arte_definicoes-Turi-Collura.pdf Acesso em: 8 jun. 2023.

CONSELHO Federal de Psicologia. **Lei nº 13.935/2019: entidades lançam site com registro e materiais de mobilização pela presença de psicólogas(os) e**

assistentes sociais na educação básica. Brasília, 2022. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/lei-n-13-935-2019-entidades-lancam-site-com-registro-e-materiais-de-mobilizacao-pela-presenca-de-psicologas-e-assistentes-sociais-na-educacao-basica>. Acesso em: 16 jun. 2023.

CONSELHO Federal de Psicologia. **Resolução CFP nº 013/2007.** Brasília, DF: Disponível em: https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2008/08/Resolucao_CFP_nx_013-2007.pdf. Acesso em 15 jun. 2023.

DAMASCENO, Monica Araújo & NEGREIROS, Fauston. Professores, Fracasso e Sucesso Escolar: Um Estudo no Contexto Educacional Brasileiro. **Revista de Psicologia da IMED**, ISSN-e 2175-5027, ISSN-e 2175-5027, ISSN-e 2175-5027, Vol., 10, nº. 1, p.74, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-50272018000100006. Acesso em: 8 jun. 2023.

DIAS, Ana Cristina Garcia; PATIAS, Naiana Dapieve; ABAID, Josiane **Lieberknecht Wathier.** Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: algumas reflexões. **Psicologia Escolar e Educacional** [online]. 2014, v. 18, n. 1 [Acessado 11 junho 2023], pp. 105-111. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572014000100011>. Epub 13 maio 2014. ISSN 2175-3539. Acesso em 07 jun. 2023.

FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. **Os intelectuais e o poder.** In: FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. **Microfísica do poder.** 8.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989. p.41-46.

GARCIA, Amanda Pereira; Goulart, Mariléia Mendes. **Formação docente: percepções dos professores acerca das condições profissionais no cotidiano escolar.** 2022. Disponível em: [chrome-https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/27546/1/ARTIGO%20AMANDA%20FINALIZADO.pdf](https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/27546/1/ARTIGO%20AMANDA%20FINALIZADO.pdf) Acesso em 17 jun. 2023.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação.** Ed. 1º. São Paulo: Cultrix, 2008.

LEIS, Héctor Ricardo. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. **Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas**, v. 6, n. 73, p. 2-23, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/2176/4455>. Acesso em 17 jun. 2023.

MACHADO, Adriana Marcondes. Exercer a postura crítica: desafios no estágio em psicologia escolar. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, n. 3, p. 761-773, 2014 Tradução. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/Nw9mW6YKsWCwQsfpLhTHt3m/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 17 jun. 2023.

MAY, Rollo. **O dilema humano.** 2ºed. Rio de Janeiro. Zahar editores. 1974.

NEVES, Mary Yale Rodrigues; SILVA, Edith Seligmann. A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 63-75, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812006000100006&lng=pt&nrm=iso Acessos em 19 jun. 2023.

PINHEIRO, Marlene Nogueira; BATISTA, Eraldo Carlos. O aluno no centro da aprendizagem: uma discussão a partir de Carl Rogers. **Revista Psicologia & Saberes**, 2018. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/770> . Acesso em: 11 jun. 2023.

SILVA, Maria Janete Nogueira. **Os desafios da prática docente na atualidade**. 2016. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/41985/2/OsDesafiosPr%C3%A1ticaDocenteAtualidade_Artigo%20Cient%C3%ADfico_2016.pdf. Acesso em 14 jun. 2023.

TAVARES, Suyane Oliveira; VENDRÚSCOLO, Claudia Tomasi; KOSTULSKI, Camila Almeida; GONÇALVES, Camila dos Santos. **Interdisciplinaridade, multidisciplinaridade ou transdisciplinaridade**. 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1454502-Interdisciplinaridade-multidisciplinaridade-ou-transdisciplinaridade-1.html>. Acesso em 14 jun. 2023.

TRINDADE, Marcel de Almeida; MORCERF, Cely Carolyne Pontes; OLIVEIRA, Marinalva Santos de. Saúde Mental do Professor: Uma Revisão de Literatura com Relato de Experiência. **Revista de Educação**, vol. 10, nº 2, 2018, pp. 43-50. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/conecte-se/article/view> Acesso em 11 jun. 2023.